

---

# Ensaizando formas urbanas:

---

geografiCIDADES  
nos processos  
socioespaciais

---

Essaying urban forms:  
geographiCITIES  
in the socio-spatial processes

**Ivan Fortunato**

Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)  
Campus de Itapetininga. São Paulo (SP)-Brasil  
[ivanfrt@yahoo.com.br](mailto:ivanfrt@yahoo.com.br)

---

## Resumo

A nota que se apresenta é um ensaio cujo intento é compartilhar “geografiCIDADES” como uma perspectiva que também se faz presente na organização do espaço habitado e, algumas vezes, pode até ser tomada como útil para esclarecer algum evento ou fenômeno urbano, ou até mesmo ser incluída no rol de condicionantes ao planejamento.

**Palavras chave:** Mooca; lugar; geografia humanista; Pateo do Collegio.

## Abstract

*The present note is an essay that intends to share “geographiCITIES” as a perspective that also takes part in the organization of living space and, eventually, it can be taken as useful to clarify some event or urban phenomenon, or even be included in the list of planning conditions.*

**Key words:** *Mooca; place; Humanistic Geography; Pateo do Collegio.*

*«No centro de Fedora, metrópole de pedra cinzenta, há um palácio de metal com uma esfera de vidro em cada cômodo. Dentro de cada esfera, vê-se uma cidade azul que é o modelo para uma outra Fedora.*

*São as formas que a cidade teria podido tomar se, por uma razão ou por outra, não tivesse se tornado o que é atualmente. Em todas as épocas, alguém, vendo Fedora tal como era, havia imaginado um modo de transformá-la na cidade ideal, mas, enquanto construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma de antes e o que até ontem havia sido um possível futuro hoje não passava de um brinquedo numa esfera de vidro»*

— Ítalo Calvino

*«Essa é uma cidade onde eu nunca estive  
Mas, porém, nunca me acostumei»*

— Marcondes Falcão Maia

O palácio de metal da invisível cidade de Fedora, visitada pelo imaginário Marco Polo de Ítalo Calvino, é uma representação alegórica, porém muito precisa, de como se processa o planejamento urbano: os esforços racionais para organização do espaço, e sua consequente realização, parecem estar sempre em descompasso com a dinâmica viva das cidades -seja esta fictícia como Fedora, ou concretamente tentacular como São Paulo e sua babilônica região metropolitana...

Desse modo, enquanto a criatividade do romancista italiano captura o sentido capilar de um dos mais incisivos óbices da manipulação consciente da forma urbana, o cantor-arquiteto Falcão consegue sublinhar, em uma singular estrofe anuviada pelo humor do paradoxo, a essência da capital paulistana. Isso porque São Paulo não pode ser qualificada como uma única cidade, mas antes, um mistifório (metafórico) de infinitas cidades que convivem no mesmo espaço... por isso é possível nela estar e não-estar ao mesmo tempo, configurando-se como um lugar nunca antes visitado, ao mesmo tempo cotidianamente vivido. Ainda, cabe destacar que, mesmo Falcão tendo preferido o microfone ao invés da prancheta de arquiteto e, no momento de compor a estrofe reproduzida na epígrafe, ter trocado a capital cearense pela paulistana, ele foi capaz de imortalizar uma das tantas 'esferas de vidro' que São Paulo já foi: a locação do vídeo desta canção foi uma das antigas fábricas Matarazzo, localizada na Avenida homônima, que foi impudentemente substituída por uma selvageria vertical.

Literatura e música foram tomadas como duas linguagens importantes para a compreensão da organização do espaço urbano, especificamente o da capital pau-

listana. Com isso, pretende-se articular este ensaio, cuja aspiração é o de reunir investigações sob múltiplas perspectivas envoltas no complexo, ao mesmo tempo sempiterno, processo de transformações morfológicas e culturais das cidades.

Sem qualquer pretensão de tomar as ideias aqui apresentadas como válidas, certas e acabadas, o intento é compartilhar 'geograficIDADES' como uma perspectiva que também se faz presente na organização do espaço habitado e, algumas vezes, pode até ser tomada como útil para esclarecer algum evento ou fenômeno urbano, ou até mesmo ser incluída no rol de condicionantes ao planejamento -seja este a respeito de mobilidade, saneamento, saúde pública, disputa territorial, gentrificação, verticalização, restauro e/ou tombamento, criação de espaços de lazer, áreas de proteção ambiental etc. etc.

Este termo geograficIDADES, conforme utilizado aqui como possível balizador para compreensão e (re)organização do espaço urbano, pode ser qualificado como um neologismo ou como a reformulação do conceito de geograficidade. Seja um ou ambos, a ideia desta terminologia começou a surgir ao cotejar minha própria experiência como investigador de alguns lugares da cidade de São Paulo com a leitura de um opúsculo publicado nos anos 1950 por Eric Dardel (2011). Nomeado 'O Homem e a Terra', nele seu autor escreveu sobre 'a natureza da realidade geográfica', tencionando introduzir a palavra 'geograficidade' nos anais da ciência geográfica... algo que se pode até dizer que ainda não logrou efetivo êxito.

Ao investigar a relação dos seres humanos com os lugares terrestres, especialmente por meio de romances e poesias, Dardel apresentou eloquentes argumentos para

considerar que um lugar não seria mero contingente da existência cultural, pois haveria aspectos emocionais e ‘viscerais’ capazes de estabelecer elos entre as pessoas e os espaços que, reciprocamente, organizam... Particularmente, ao tentar decifrar seu pensamento para a ciência, tentei equalizar dois importantes conceitos geográficos a partir da geograficidade: lugar e paisagem (Fortunato, 2016c; 2016d).

Assim, conforme essa linha de investigação geográfica ia prevalecendo, e se tornando cada vez mais presente na minha própria maneira de analisar e interpretar as mais variadas formas de organização do espaço, mais eu me permitia o contágio com as emoções eivadas dos relacionamentos com os lugares. De certa forma, quando apresentei uma pesquisa sobre a verticalização devorando a memória e a paisagem da Mooca, bairro central da capital paulistana (Fortunato, 2012), ainda não havia compreendido os motivos nem a basilar importância subjacente neste estudo. Tal afirmação não é uma auto rev(f)erência, mas, apenas a constatação de que fui tomado por forte angústia ao testemunhar, in vivo, que o meu lugar habitado estava evidentemente deixando seu característico aspecto fraternal, de sobrados geminados com as portas nas calçadas... Presentemente, no começo de 2016, é possível visitar esse estudo bairrista e constatar que a geograficidade sustenta os três paradoxos da verticalização oferecidos como argumentos para tentar manter a Mooca mais próxima da rua. Sem o referido sentimento de angústia, é possível até conjecturar que a destruição das velhas fábricas, principalmente ao longo da linha férrea, seria entendida como salutar ao seu desenvolvimento.

De forma análoga, conquanto a angústia pelo fim da Mooca provinciana que se avizinhava tinha sepultado qualquer possibilidade de análise da verticalização pelos olhares otimistas do crescimento econômico -e até mesmo da gentrificação local- sentimentos fraternos de acolhimento e paz, de imediato, me impulsionaram a estar e a conhecer um lugar que, somente tempo depois, descobriria se tratar do sítio urbano mais antigo da capital paulistana, reconhecido por causa de seus predicados históricos, geográficos, patrimoniais, turísticos, educacionais, simbólicos e até religiosos (Fortunato 2016e; 2015). Trata-se do Pateo do Collegio, situado no Triângulo Histórico do centro de São Paulo, local de fundação e batismo da terra, no ano de 1554, pelos padres da Companhia de Jesus.

Somente conseguiria entender essa vontade de vivenciar o Pateo do Collegio quando, na primeira metade de 2013, ao tentar explicar para Livia de Oliveira, minha orientadora, porque pretendia desenvolver tese de doutorado sobre aquele local, de imediato ela deslindou minha inquietação: eu estava cortejando aquele pedaço do Centro Histórico paulistano, como querendo namorá-lo<sup>1</sup>. Algum tempo depois, ela escreveu o seguinte trecho ainda mais elucidativo: *“o lugar é um acontecimento, mediante um labirinto no qual se perde e se encontra nos itinerários misteriosos de nossas existências”* (Oliveira, 2015: 22).

Com isso, as lições de Lívia, Dardel e dos próprios lugares como acontecimentos labirínticos foram me possibilitando calibrar as emoções de afeto e paixão (sentidas pelos próprios recortes espaciais paulistanos, que tanto me convocavam a conhecê-los e estar com eles) pelo prisma investigativo

da geograficidade, seja para minutar textos protetórios, históricos e geográficos, e até poéticos (Fortunato, 2016a-f; 2015; 2012).

E mesmo as circunstâncias profissionais tendo me levado para o interior do estado, minha percepção sobre a organização do espaço urbano manteve-se afinada sob esse diapasão, levando-me a investigar, pelo olhar da geograficidade, o patrimônio de Itapetininga cujo predicado primeiro é ‘orgulho de uma cidade’ (Fortunato, 2016g)... novamente tratando a perspectiva do elo emocional com os lugares como um elemento cabível dentro da complexa equação urbana.

Foi necessário, então, cozer junto literatura, poesia, arquitetura, geografia, razão e emoção para defender a ideia de que a geograficidade não é mera condição refratária de um planejamento urbano logicamente conduzido à luz de uma racionalidade técnica, mas componente da cultural organização do espaço vivido. Por isso, ao retomar o percurso tomado, constata-se que é possível empertigar esse conceito cunhado nos anos 1950, especificando-o à lógica urbana como ‘geografICIDADEs’, ou a visceral relação humana com seus lugares construídos, que se faz presente na inventada Fedora ou na ciclópica São Paulo...

## Notas

- <sup>1</sup> Livia me apresentou ao livro ‘Namorando a Terra’ de René Dubos (1981) para fundamentar suas lições sobre meu relacionamento com aquele sítio histórico de São Paulo.
- O autor é doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro/SP e com Pós-doutorado em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (São Paulo).

## Referencias citadas

- DARDEL, E. 2011. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. Perspectiva. São Paulo, Brasil.
- DUBOS, R. 1981. *Namorando a Terra*. Tradução de Maria Cristina Carnevale. Melhoramentos. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, Brasil.
- FORTUNATO, I. 2012. “Mooca, ou como a verticalização devora a paisagem e a memória de um bairro”. *Arquitextos*, 12 (140.05).
- FORTUNATO, I. 2015. “Historicidade e geograficidade do Pateo do Collegio, coração do centro histórico de São Paulo”. *Coletânea*, 14 (27): 109-133.
- FORTUNATO, I. 2016a. “Geopoética no Centro Histórico de São Paulo. A primeira pausa do Pateo do Collegio”. *Minha Cidade*, 16(186.01).
- FORTUNATO, I. 2016b. “Geopoética no Centro Histórico de São Paulo. A segunda pausa do Pateo do Collegio”. *Minha Cidade*, 16(187.02).
- FORTUNATO, I. 2016c. “Notes about place from a geographicity standpoint”. *Revista Geográfica Venezolana*, 57(1): 126-133.
- FORTUNATO, I. 2016d. “Notas sobre a geograficidade da paisagem retratada na literatura e poesia”. *Revista Geográfica Venezolana*, 58(1): 214-221.
- FORTUNATO, Ivan. 2016e. “Memórias do Pateo do Collegio como lugar pioneiro da educação paulistana”. *Cadernos do CEOM* (Unochapecó), Chapecó. [no prelo].
- FORTUNATO, I. 2016f. “Passeio como ação política de proteção ao lugar: as caminhadas noturnas no centro histórico de São Paulo”. [submetido para publicação].
- FORTUNATO, I. 2016g. “Peixoto Gomide em Itapetininga: escola estadual ou memória coletiva?”. [submetido para publicação].
- OLIVEIRA, L. de. 2015. “Lugares místicos”. *Geograficidade*, 5(2): 18-25.